



DIPLOMACIA

DOIS PESOS, duas medidas

Ante o impasse na guerra contra o Irã, Trump tenta mudar o foco para uma negociação com a Coreia do Norte. Especialistas avaliam a postura antagônica em relação à ditadura de Kim Jong-un, que possuiria 57 armas nucleares

» RODRIGO CRAVEIRO

Para o Irã, bombas. Para a Coreia do Norte, diplomacia. De um lado, um regime teocrático islâmico que clama o uso da energia nuclear para fins pacíficos e civis. De outro, uma dinastia despótica que anunciou os testes nucleares aos quatro ventos e teria em seu arsenal dezenas de bombas atômicas. Em 28 de fevereiro, os Estados Unidos bombardearam o quartel-general do governo iraniano, em Teerã, e mataram o líder supremo do país persa, o aiatolá Ali Khamenei. Na última quarta-feira, o presidente americano, Donald Trump, anunciou que se reunirá, ainda este ano, com o ditador norte-coreano, Kim Jong-un.

O republicano também admitiu que Pyongyang mantém, em seu arsenal, um total de 57 armas nucleares muito potentes. Nunca se devia permitir que isto acontecesse”, declarou Trump a jornalistas na Casa Branca. “Mas as conseguiui. Eu me entendo muito bem com ele”, acrescentou. Nos últimos meses, em várias ocasiões, o republicano alertou que jamais deixará que o Irã construa uma arma nuclear.

Em uma decisão que surpreendeu o principal aliado da Casa Branca na Ásia, Trump determinou a redução dos exercícios militares conjuntos entre EUA e Coreia do Sul. A justificativa: Seul teria se recusado a ajudar Washington em sua guerra contra o Irã. A política de “dois pesos, duas medidas” em relação à Coreia do Norte e ao Irã — respectivamente inimigos existenciais da Coreia do Sul e de Israel, aliados históricos dos americanos — parece ser uma manobra bem engendrada pela Casa Branca a pouco mais de dois meses das eleições legislativas de 3 de novembro. A ideia, segundo um especialista, é retirar os holofotes da comunidade internacional sobre o Irã, ante dificuldades dos EUA em encerrarem o conflito no Oriente Médio de uma uma forma que seja vantajosa para Trump.

Presidente e CEO do Korea Economic Institute of America (KEI), Scott Snyder afirmou que a principal diferença entre as duas conjunturas está no fato de a Coreia do Norte ser um Estado nuclear

Brendan Smialowski/AFP



Kim Jong-un (E) e Donald Trump trocam cumprimento em reunião na Zona Desmilitarizada, em 30 de junho de 2019: novo encontro planejado

comprovado, enquanto o Irã é um Estado no limiar da nuclearização. “Também é verdade que, tendo se envolvido no conflito com o Irã, o presidente Trump renovou incentivos para fazer a paz com a Coreia do Norte. Isso serviria tanto para prevenir conflitos simultâneos quanto para desviar o foco da opinião pública em relação ao Irã”, explicou ao **Correio**.

Snyder disse ver um forte componente tático na manobra da Casa Branca. “No entanto, também existe um interesse duradouro de Donald Trump em Kim Jong-un, que remonta ao seu primeiro mandato”, comentou. Ainda segundo o estúdio, Pyongyang representa uma ameaça credível aos interesses dos Estados Unidos na Pensínsula Coreana e na Ásia. “As capacidades nuclear e de lançamento de mísseis balísticos de longo alcance da Coreia do Norte são

Atta Kenare/AFP



Fumaça se ergue em ataque a Teerã: EUA e Israel lançaram ofensiva

inquestionáveis, ainda que não tenham sido totalmente demonstradas”, destacou.

Por sua vez, François Godeмент — historiador e conselheiro especial e pesquisador senior residente

para Ásia e América no Institut Montaigne (em Paris) — acredita mais em “fases psicológicas” do que em escolhas estratégicas. “Trump também falou com entusiasmo sobre o Irã e seu potencial,

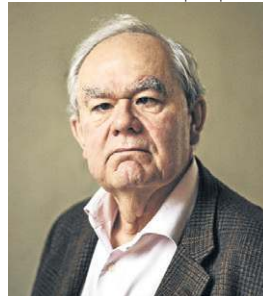
além de ter chamado Kim Jong-un, de forma jocosa, de ‘homem foguete’, durante seu primeiro mandato. O envolvimento militar com o Irã parece ter surgido na esteira do otimismo gerado pelos casos da Venezuela e dos Acordos de Abraão, bem como do interesse tradicional em petróleo e nos preços da commodity. A resistência do Irã foi, sem dúvida, uma surpresa — ainda que tendamos a subestimar os danos militares infligidos ao exército e à Guarda Revolucionária (IRGC)”, disse à reportagem.

Eleições

O estudioso também citou uma obsessão constante do republicano em ganhar o Prêmio Nobel da Paz, além da ilusão de que um acordo sempre é possível. Ele não acredita que a nova postura em relação à Coreia do Norte tenha qualquer relação

Eu acho...

Arquivo pessoal



"Apesar de suas peculiaridades evidentes e de ser um Estado 100% totalitário — e a despeito de sua retórica belicista —, os líderes da Coreia do Norte parecem bastante racionais ao se considerar questões militares, nucleares ou balísticas. Além disso, o país é extremamente habilitado em negociações. Hoje, está claro que ele sobreviverá economicamente e que, quaisquer que sejam suas ressalvas, a China tem permanecido ao seu lado."

FRANÇOIS GODEMENT, historiador e conselheiro especial e pesquisador senior residente para Ásia e América no Institut Montaigne (em Paris)

com as eleições legislativas de meio de mandato. “Por outro lado, a decisão de não agir em relação ao Irã reflete claramente o receio de fazer outra aposta arriscada antes de 3 de novembro.”

Gunther Rudzit, professor de relações internacionais da ESPM, lembrou ao **Correio** que Trump foi eleito em 2024 com um discurso de pôr fim a guerras. “Ele colocou os EUA em um conflito que completará seis meses. Isso tem afetado profundamente a popularidade do presidente e do Partido Republicano. Então, vejo muito mais essa aproximação com a Coreia do Norte como instrumento de política interna, de desviar a atenção do eleitorado e reduzir o foco do Irã. Trump tenta ‘ganhar’ mais uma guerra, que ele não acabará. Do mesmo jeito que foi a aproximação com Kim Jong-un no primeiro mandato”, avaliou. “Trump e Kim se reuniram duas vezes, e nenhum acordo saiu. Vejo uma questão mais de propaganda narrativa do que uma mudança efetiva.”

UCRÂNIA

“Eleições seriam um tsunami”, diz Zelensky

» PALOMA OLIVETO

Às vésperas de se reunir com aliados europeus para discutir como aumentar a pressão sobre a Rússia e acabar com a invasão, iniciada em fevereiro de 2022, Volodymyr Zelensky afirmou que convocar eleições presidenciais antes do fim da guerra está fora de cogitação. Com a lei marcial, o pleito está suspenso no país há mais de quatro anos, e uma votação, agora, poderia “destruir” a Ucrânia. “Eleições neste momento são um tsunami para o país. Se quisermos destruir a Ucrânia, podemos seguir na direção de eleições em tempos de guerra”, disse o mandatário no sábado, a jornalistas da agência France-Presse (AFP).

Na semana passada, o ex-ministro da Defesa Mykhailo Federov voltou a defender as eleições presidenciais. O político ficou popular no país especialmente por modernizar a guerra, incluindo drones na artilharia, mas saiu do governo em meio a uma crise com o comando militar. A destituição de Federov levou às ruas milhares de manifestantes, algo inédito na Ucrânia desde o início do conflito.

Apesar do desgaste político, porém, Zelensky tem o apoio da população, que não concorda com eleições antes do cessar-fogo. Recentemente, o Instituto de Sociologia de Kiev (KIIS) realizou uma pesquisa e constatou que apenas 15% dos ucranianos concordam com um pleito em meio à guerra.

AFP



Apesar do desgaste político, Zelensky tem apoio da população

Em março, o percentual era de 12%. Porém, o número de pessoas que defendem a ida às urnas somente após o acordo de paz definitivo caiu de 69% para 57% no período.

Em nota, o diretor-executivo do KIIS, Anton Grushetskyi, analisou o resultado. “Apesar da significativa insatisfação pública com decisões do presidente Volodymyr Zelensky, ele mantém índices de confiança relativamente altos, pelo menos por enquanto”, escreveu. “Embora tenha havido um ligeiro aumento no número de pessoas que apoiam a realização de eleições em um futuro próximo ou, pelo menos, após um cessar-fogo, a maioria ainda se opõe a isso.”

Na avaliação de Grushetskyi, os ucranianos preferem que o foco

seja a conquista “de uma paz aceitável”. “A indignação popular não chegou ao ponto de desejar uma mudança de chefe de Estado nesse momento. No entanto, para o período do pós-guerra, a ideia da necessidade de novos líderes vai se consolidando cada vez mais.”

Ontem, um porta-voz de Mykhailo Federov afirmou que o ex-ministro pretende visitar os Estados Unidos em breve. A disputa política com Zelensky ocorre em meio a uma intensificação da guerra. No fim de semana, ao menos 16 pessoas morreram e mais de 100 ficaram feridas em ataques com drones deflagrados pela Rússia em e um shopping center lotado de Kryvyi Rih, cidade natal do presidente ucraniano.